

Trabalho pela verdade e não pelo sonho

Sérgio Muylaert*

Há quem tenha definido a Cultura Nacional como a total correlação entre todas as classes do país e de todos os países do mundo. Por isto, ela é tão importante para ligar a base de um povo. Por isto, tão importante a sua preservação, tanto quanto a tarefa de fortalecer as instituições culturais, os museus, os sindicatos de trabalhadores e as organizações voltadas para os interesses democráticos e populares. Através delas se reconhece, se avalia e se aperfeiçoam os padrões de informação de um povo, aparelhando-o para enfrentar as contradições em cada momento de sua história.

A Cultura Nacional não surge nos bancos da escola primária. Ela antecede a esta fase do ensino. Quando os povos ainda não conheciam a palavra escrita e se sinalizavam, instintiva, intuitivamente, por meios autênticos de expressão. Imaginemos o ensino primário, no Brasil, e nele a inclusão da cultura dos povos pré-colombianos da América. Seria o caso de acrescentar o milênio à nossa história que, no entanto, só é estudada a partir do ano de 1500.

Gorki, depois de conhecer autores célebres como Stendhal, Balzac e Flaubert, concluiu que a linguagem de um povo é criada pelo próprio povo. E dizia que é perfeitamente correto que os provérbios e os refrões proporcionam uma expressão completíssima e fascinadora de como pensa a massa popular.

A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida, como afirma Sérgio Buarque de Holanda.

Nesta direção é que precisamos de avançar. O trabalho deve produzir uma política cultural realista que privilegie os valores da nacionalidade e o povo, através deles, possa confrontar a massa de informações veiculadas pela poderosa indústria que monitoriza a mídia da comunicação.

Se o homem brasileiro está, hoje, mais apto a discorrer sobre a cultura dos impetuosos desbravadores do velho oeste norte-americano e pouco sabe do processo de aculturação (ou de "feitorização") do Brasil-colônia, não é por mera casualidade; mas, a quem culpar por isto?!

Sempre oportuna a recomendação que nos faz Carlos Drummond de Andrade, para que se tome a poesia como a primeira visão das coisas e depois como veículo de informação prática e teórica. No entanto, escorregamos sempre o nosso jogo lúdico e a nossa magia, para os encantos da industrialização da cultura, como produto final de uma política inadequada, na qual a **camuflagem** serve de padrão de vida e se torna cada vez mais aceitável e natural.

A luta do "bem" contra o "mal", emerge desta impostura, como necessária a uma ordem de valores obsoletos, injustos e irreais, como o são os personagens, por ela moldados, para perpetrar a fome, o atraso, a opressão, a um só tempo e à nossa revelia.

O cineasta soviético, Tarkovsky, certa vez teria dito que a arte no Ocidente é um prazer, enquanto para o povo russo ela é oxigênio. A vida para ele, sem alguma forma de consciência espiritual, pareceria absolutamente impensável.

A Cultura jamais poderia ser tomada à parte da vida e imaginar o contrário é como pretender a política alheia do social — lembrava o escritor lusitano, Oliveira Lima. O que é uma necessidade de todos torna-se luxo para poucos, segundo o uruguaio Eduardo Galeano.

O que se sabe sobre a violência institucionalizada e sobre as campanhas pacificastas? Difunde-se protesto contra a censura mas a censura estrutural permanece estampada na face do desemprego, na falta de moradias, na falta de saúde e de escolas e na ampla disputa armamentista de mercado, entre as nações desenvolvidas, laureando-se aqueles que se ufam da eficácia dos artefatos que inventam a destruição e a morte.

Eis, porque, a todos interessa a questão da Cultura Nacional, como algo que a futura Assembléia Nacional Constituinte, eleita, deverá discutir e fazer. Trata-se, hoje, de refazer, com urgência, a própria identidade nacional, mascarada pelo arbitrio e pela insensibilidade, tão desprovida dos valores autênticos do povo trabalhador. Deste povo que constrói a nacionalidade, na condição de grande protagonista; gente de carne e osso. É esta política Cultural de que o país necessita e reclama, pois, pelas verdades trabalhamos e não pelos sonhos, nas palavras de José Martí.

* Sérgio Muylaert é secretário-geral do Sindicato dos Escritores do D.F.